DIÁRIO DE BORDO

AÇÚCAR SEM DOÇURA

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

O SETOR sucroenergético passa por um momento bastante delicado, por diversas razões.

A primeira está relacionada com o mercado: a oferta mundial de açúcar cresceu muito com o aumento da produção asiática. Só a Índia aumentou a sua produção de 27 milhões para 35 milhões de toneladas em pouco mais de um ano, e com subsídios elevados. A Tailândia também subsidiou os seus produtores (e continua subsidiando), o que ajuda a aumentar os estoques. Esse protecionismo tem uma dupla ação negativa para nós: por um lado, derruba os preços internacionais do produto com o aumento da oferta que provoca; por outro lado, embora os seus produtores não sejam afetados por essa queda, por estarem protegidos pelos subsídios, nós somos.

O pior foi a rapidez dessa mudança: em dois anos completos, saímos de uma demanda maior do que a oferta – o que aumentou os valores do produto – para uma oferta maior do que a demanda – com efeito contrário. Os bons resultados daquele curto período não foram suficientes para recuperar um setor duramente castigado pela famigerada política de contenção de preços da gasolina adotada pelo governo anterior para conter a inflação. E, com os preços de açúcar agora baixos e os estoques mundiais elevados, a crise permanece.



Não bastasse isso (e esta é a segunda das razões), uma seca inclemente abateu-se sobre o Sudeste neste ano, especialmente sobre o estado de São Paulo, maior produtor nacional de cana, derrubando a produção da gramínea. Na safra passada, a região Centro-Sul produziu 596 milhões de toneladas de cana, e a atual deve ficar por volta de 550 milhões, uma redução significativa de 40 milhões a 50 milhões de toneladas!

Com os preços baixos do açúcar (e a possível escalada de preços do petróleo), a indústria optou por fazer uma safra mais alcooleira. Desta forma, 64% dessa menor safra canavieira do Centro-Sul serão destinados à produção de etanol, e apenas 36% à de açúcar. Para se avaliar o que isso significa, no ano passado a relação foi de 55% para etanol e 45% para açúcar. A seca tem um lado positivo, que é o aumento dos Açúcares Totais Recuperáveis (ATR) da cana: no ano passado, a média de ATR foi de 136 e, neste ano, deverá alcançar 140/141. Mas, esta diferença não compensa a enorme queda agrícola em toneladas.

Por fim, a terceira razão foi a greve dos caminhoneiros em maio, que provocou uma redução da moagem de cana em 13 milhões de toneladas durante a parada e que impediu a saída de etanol produzido nas usinas, de modo que o faturamento destas caiu exatamente durante a safra, aumentando os estoques do produto na origem e pressionando para baixo os preços quando a greve acabou – todas tinham que esvaziar os seus tanques.

Mesmo assim, os especialistas acreditam que os preços do etanol podem ficar uns 20% acima dos do ano passado, mitigando os enormes prejuízos do setor. Mas, a crise continua, com muitas unidades industriais encontrando-se "mal das pernas". E a corda pode estourar do lado mais fraco: os fornecedores de cana. A única esperança é a rápida implementação do RenovaBio, programa governamental que dará previsibilidade ao setor, permitindo a retomada de investimentos tão necessários a um importante segmento que gerará empregos e ajudará o País a cumprir o seu compromisso com a COP-21, de reduzir as emissões de gases do efeito estufa em 43% até 2030 com base nas emissões de 2005. ■